

## APqC marca presença na Marcha pela Ciência de São Paulo e lembra desmonte dos Institutos de Pesquisa

*Em meio a muita chuva, evento foi marcado por trocas de informações e conhecimentos, discursos contra cortes de orçamento e obscurantismo.*



Cerca de 500 pessoas, entre estudantes, professores, cientistas, pós-graduandos e pesquisadores científicos estiveram neste sábado na edição paulistana da Marcha pela Ciência, que aconteceu entre as 14h e as 17h, no Largo da Batata. Entre tendas com exposições de trabalhos científicos e alguns cartazes de protesto pelos cortes em investimentos em pesquisa, os participantes se juntaram à roda de discussão sobre Dengue, Zika e Febre Amarela, promovida pelos pqc's Renato Pereira de Souza (IAL) e Renato Astray (IBu).

Em seguida, diversas lideranças científicas se pronunciaram, entre elas o presidente da APqC, Dr Joaquim Adelino Filho, que apresentou a preocupação da entidade com a privatização da pesquisa proposta pelo Marco Legal da Ciência e Tecnologia. A presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e pesquisadora da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Helena Nader, falou da importância da Ciência para a economia do País.



*O pesquisador científico Dr Shiro Miyasaka, considerado o "pai da soja" no Brasil, aos 93 anos marcou presença no evento e deu um grande exemplo de esperança pela Ciência Brasileira.*

Além deles, falaram o professor aposentado da Instituto de Química da Universidade de São Paulo (USP), Walter Colli, o pesquisador Hernan Chaimovich, bioquímico da USP e ex-presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o biólogo Carlos Menck, do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo (USP).

Durante seu discurso, Joaquim Adelino ainda falou sobre o processo de desmonte que todos os 19 institutos do Estado de São Paulo vem sofrendo há décadas e da falta de concursos públicos. “Muitas linhas de pesquisa estão na iminência de serem interrompidas por falta de pesquisadores. Hoje temos 44% do quadro de pesquisador vago e estamos há mais de 12 anos sem concurso. Mais de 50% dos pesquisadores tem mais de 50 anos. Já na carreira de apoio, a situação é mais catastrófica, com 75% de cargos vagos, mais de 20 anos sem concurso e mais de 70% dos trabalhadores com mais de 50 anos”, advertiu.